

***Práxis* pedagógica na filosofia de paulo freire: um estudo dos estádios da consciência**

Wilson Correia¹

Cláudia Bonfim²

Resumo

O presente artigo assume como tema o estudo do sentido da *práxis* pedagógica em Paulo Freire e o faz mediante a investigação do sentido dos níveis de consciência e de breve exposição sobre a trajetória bibliográfico-profissional freireana. O estudo segue as regras da pesquisa bibliográfica e se atém à leitura analítica e sintética da literatura especializada. Objetiva evidenciar que, atualmente, a tarefa do professor e da professora deveria consistir em desenvolver uma prática docente que vise ao alcance da consciência crítica por parte dos educandos e de si mesmos. Conclui afirmando que, em uma sociedade assistencialista como a brasileira, práticas políticas voltadas para a afirmação da anti-criticidade fazem com que a docência seja um verdadeiro desafio, razão pela qual vale a pena empreendê-la.

Palavras-chave: Paulo Freire, Consciência, Educação, Docência

Abstract

The present article assumes as subject the study of the direction of the *praxis* pedagogical in Pablo Freire and it makes it by means of the inquiry of the direction of the levels of conscience and brief exposition on the trajectory freireana bibliographical-professional. The study it follows the rules of the bibliographical research and if it abides by the analytical and synthetic reading of specialized literature. Objective to evidence that, currently, the task of the professor and the teacher would have to consist of developing one practical professor whom it aims at to the reach of the critical conscience on the part of the same apprentices and itself. It concludes affirming that, in the assistance society as the Brazilian, practical politics directed toward the affirmation of the anti-criticism make with that the faculty be it a true challenge reason for which valley the penalty to undertake it.

Keywords: Paulo Freire, Conscience, Education

¹ Wilson Correia desenvolve pesquisa de doutoramento na UNICAMP. É mestre em Educação pela UFU. Curso especialização em Psicopedagogia pela UFG. Graduiu-se em Filosofia pela UCG. É professor universitário. É membro do Grupo de Pesquisa Paidéia, FE/UNICAMP. É autor de **Saber Ensinar**. São Paulo: EPU, 2006. Endereço eletrônico: wilfc2002@yahoo.com.br.

² Cláudia Bonfim desenvolve pesquisa de doutoramento em Educação na UNICAMP. É mestre em Educação pela FAFICOP. Curso especialização em Metodologia e Didática do Ensino pela FAFICOP. É Licenciada em Ciências com habilitação em Biologia pela FAFICOP. É professora efetiva da rede municipal de Cornélio Procopio/PR, e professora da Pós-graduação *Lato Sensu* da FAFICOP. É membro do Grupo de Pesquisa Paidéia, FE/UNICAMP e Bolsista CAPES.

Introdução

“Para mim, a educação é simultaneamente um ato de conhecimento, um ato político e um ato de arte” (Freire *apud* Rangel, 2004, p. 35).

Paulo Freire foi bem mais que um alfabetizador. Ao longo de sua vida, ele valorizou o homem e a mulher e pugnou pela dignidade humana. Ele se preocupou não apenas com o letramento, mas com a re-criação cultural dos oprimidos, de modo a compreenderem-se a si mesmos no mundo e a empreenderem o trabalho da autolibertação por meio do enfrentamento dos sistemas opressores. Para ele, o que importava era fazer com que as camadas populares de nossa sociedade pudessem acompanhar o percurso histórico da humanidade e se beneficiarem de suas conquistas, o mais igualitária, eqüitativa e justamente possível.

O humano e a dignidade do humano: essa parece ter sido a obsessão dele. Nessa linha ele abordou a leitura, a escrita, o ensino e a aprendizagem problematizantes, o diálogo e a emancipação do homem e da mulher. Ele estudou e criou conceitos e valores, o que o liga visceralmente à filosofia da educação e, no contexto desse campo de saber, à docência como uma prática social concreta.

“... ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É nesse sentido que se impõe a mim *escutar* o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar *com* ele” (Freire, 1997, p. 135).

Para Paulo Freire, a educação se justifica como compreensão, reflexão e ação perante a realidade, de modo a escavar o *ethos* vivido para, se necessário, transformá-lo, nortear o que imprime sentido à prática de ensinar. Assim, os atos de ler e escrever significam não apenas codificar e decodificar palavras e frases, mas, sobretudo, profundos processos de leitura do mundo, da vida, da sociedade, todos passíveis de serem superados, recriados e transformados.

Nessa perspectiva, o ato pedagógico é compreendido como *práxis*, em que teoria e prática se unem na ação ativa e libertadora, sempre mediada pela dialogicidade como método e pela horizontalidade como ontologia. Assim, linguagem, pensamento e ação podem conduzir o homem à construção de uma história em que ele figure como sujeito e protagonista, de maneira a batalhar em prol de uma sociedade sem dominantes e dominados, na humildade ontológica que nos faz todos iguais e irmanados no embate por valor e dignidade. Daí o combate à ignorância e a busca da sabedoria, historicamente construída pelo e para o homem, pela e para a mulher. Dessa maneira, a prática pedagógica só faz sentido se vislumbrar um novo amanhã e se contribuir para a construção de um novo ser humano.

Nessa grande tarefa proposta como desafio ao educando e ao educador, Paulo Freire entende que todo o percurso de libertação compreende a saída do senso comum e o alcance do senso crítico. Se o saber do povo deve ser respeitado, ele também deve ser tomado

como objeto de atuação da reflexão, do julgamento e das decisões que consubstanciem a *práxis* libertadora.

Desse modo, o crescimento pelo aprendizado requer o aprimoramento da compreensão do mundo e é aí que entram suas considerações sobre os estados da consciência humana, nosso objeto de estudo no presente trabalho, quais sejam: a consciência mágica, a consciência ingênua, a consciência fanatizada e a consciência crítica, permeadas por breve descrição sobre a vida e a produção de Paulo Freire, o mestre da criticidade.

1. Consciência mágica

Segundo Oliveira (1996), Paulo Freire entende que no estado de consciência mágica o ser humano preocupa-se com a imediatidade da vida, com suas necessidades mais prementes, apresenta uma limitada percepção da realidade, vive sob um presente maçante, sem consciência histórica e sem possibilidades de extrair sentido do passado vivido e de ver o futuro na perspectiva da mudança. O presente opressivo anula qualquer possibilidade de projeto existencial, pessoal e coletivo.

Objeto passivo em face dos acontecimentos históricos, o humano portador de consciência mágica se sente impotente para agir, dado que o fatalismo o esmaga e rouba-lhe a transitividade da consciência. Sua consciência é intransitiva. Daí a incapacidade de pensar, dialogar e problematizar a realidade social.

Se não questiona e não dialoga, deixa de compreender. Não compreendendo, sente-se impedido de julgar, valorar, decidir e agir. É conduzido pela história, mas não se faz sujeito protagonista dela, à medida que se resigna e não atua para transformar suas estruturas elementares.

Por isso o humano que apresenta a consciência mágica se vale de rituais e cerimônias de cunho religioso, fonte da precária explicação que alimenta para os fatos que o afetam. Submisso a entes exteriores, mantém uma relação de dependência nada interessante para com deuses e os seus assemelhados, e de maneira sempre fatalista.

“Quase sempre este fatalismo está referido ao poder do destino ou da sina... ou a uma distorcida visão de Deus. Dentro do mundo mágico ou místico em que se encontra a consciência oprimida, quase sempre imersa na natureza, encontra no sofrimento, produto da exploração em que está, a vontade de Deus, como se Ele fosse o fazedor desta ‘desordem organizada’” (Freire, 1978, p. 52-53).

Trata-se, como é possível notar, de um tipo de consciência acrítica, que, lastreada no fatalismo, assujeita-se à ordem social vigente e de maneira acomodada, alienada e oprimida em sua mais extremada condição. Assim, característica dos grupos camponeses, rurais, e de sociedades fechadas, a consciência mágica perpetua os oprimidos em seu estado de opressão, dado que a ação no mundo de seus portadores é de total alheamento quanto às possíveis alternativas de transformação do estado de vida que ostentam.

2. Consciência ingênua

A consciência ingênua deriva da consciência mágica e caracteriza os grupos que, originalmente, nasceram e se formaram no campo, mas que, por terem de passar pelo êxodo rural, encontram-se nos arredores das cidades. Trata-se de uma consciência em fase de transição para a consciência fanatizada ou para a consciência crítica, dependendo da maneira como ela é admitida, assumida, encarada e trabalhada em processos educativos e fora deles.

O portador da consciência ingênua apresenta certa capacidade de questionar o real vivido, a sociedade, a história e a cultura, bem como a sua situação no mundo. Então ele começa a formar o entendimento de que é um ser-no-mundo-e-com-o-mundo. Toma conhecimento de que a sociedade é desigualmente estruturada e que há classes sociais. Identifica-se com a classe a que pertence e começa a rejeitar estruturas opressoras, a existência da exploração, de processos desumanizantes e a presença de dominantes e dominados entre nós.

Segundo Oliveira,

“Por essa razão é que a consciência ingênua é considerada por Paulo Freire como característica das sociedades em transição, ou seja, sociedades que, quebrando a trajetória costumeira de sua História, entram numa nova fase de desenvolvimento. (...) Resulta daí que o tempo da transição é o tempo que obriga o indivíduo a fazer opções, ou seja, ficar preso aos velhos valores do passado ou partir rumo aos novos valores que se descortinam e se abrem para o futuro. Isso provoca a rachadura da sociedade entre conservadores (aqueles que ficam) e liberais ou progressistas (aqueles que partem). Os últimos são os que adquirem a consciência crítica, os primeiros os que descambam para a consciência fanatizada” (Oliveira, 1996, p 40).

Nota-se que a tomada de consciência, ainda que em desenvolvimento, é a condição de possibilidade a que o sujeito portador da consciência ingênua tome conhecimento de uma verdade fechada (dogmática e fanatizada) ou de uma verdade aberta (crítica e sempre reconstruída). Essas duas modalidades de consciência é o que vamos ver a seguir.

3. Consciência fanatizada

A consciência fanatizada, segundo Gabriel Marcel, leva à ignorância de si. O fanático, afirma Marcel,

“nunca reconhece a si mesmo como fanático; somente o não fanático é que pode reconhecê-lo como tal. Assim, toda vez que alguém faz este julgamento ou acusação, o fanático sempre se defende dizendo que ele foi mal interpretado ou meramente caluniado” (Marcel *apud* Oliveira, 1996, p. 41)

Paulo Freire se sustenta nessa tese de Marcel para elaborar o seu entendimento sobre a consciência fanatizada, a qual explica como sendo patológica, irracional e sectária. O fanático é aquele que encontrou a verdade e deixou o mundo todo na mentira. Agressivo,

o portador de consciência fanática faz o que pode para impor, mesmo que violentamente, a verdade pessoal sobre todos os demais. Sob a ação fanática, o expurgo desune; o diálogo é abortado; o ativismo mata o pensar; a verdade absoluta aniquila a tolerância; a tirania ou a ditadura do fanático asfixia qualquer tentativa de um poder democrático.

O homem fanático é o homem objeto de sua própria crença. Não é ele que tem uma crença; é a crença que o tem. Ele age pelo impulso da emoção, sem avaliar a profundidade e a extensão de seus atos. Ele luta para transformar a realidade, mas o faz baseado não na democracia e no consenso. O resultado disso é a massificação, a sociedade dos homens-coisas, manipulados pelas idéias, e não os operadores de idéias de libertação.

Acomodado ao *status quo*, o fanático é incapaz de *práxis*. Como se tivesse uma viseira que condiciona a visão e o que pode ver, ele não se abre às heterovisões sobre a realidade que o cerca. É o caso, por exemplo, dos opressores capitalistas, os quais só têm olhos para o lucro, para a acumulação, para o consumismo e a competitividade selvagem.

“Nessa ânsia irrefreada de posse, desenvolve em si a convicção de que lhe é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. Por isso é que para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem” (Freire *apud* Oliveira, 1996, p. 43).

O portador da consciência fanatizada se encaixa bem nas sociedades de massa, nas quais a vida autêntica e fundamentada na liberdade se tornou impossível, em que todos se igualam por serem instrumentos de crenças e verdades exteriores, às quais se entregam irrefletida e acriticamente, vivendo na alienação que é a perda de si de modo quase que total. Características contrárias a essas são apresentadas pelo ser humano que optou por construir uma consciência crítica sobre si próprio, sobre a sociedade, o mundo e a vida.

4. Consciência crítica

Quando a consciência deixou a magia para trás, passou pela ingenuidade, mas escapou do fanatismo, então ela se encaminha rumo à consciência crítica. A criticidade aí alcançada possibilita uma acurada e profunda percepção da realidade, uma vez que o portador dessa consciência compreende as razões pelas quais uma dada sociedade se configura de um jeito, e não de outro, porque ela tem como estrutura um sistema econômico, e não outro; um regime político, e não outro; uma determinada cultura, e não outra. Isso é fundamental a que ele compreenda o jogo entre saber-poder entre os segmentos e as classes sociais que, normalmente, condiciona a existência de dominantes e dominados.

Tomando consciência disso, então o sujeito crítico dedica-se ao diálogo, e não a práticas de polêmicas e retóricas inócuas. Ele busca compreender para julgar; julgar para decidir; decidir pelo melhor em termos de valorização da dignidade humana; valorar para agir; agir

para transformar. Sim, se o homem é o feitor da realidade, então ele pode mudá-la para melhor, para um melhor que é a concretização do bem pessoal e coletivo da comunidade em que se vê inserido. Daí seu engajamento, seu comprometimento e sua participação.

Mas como essa participação poderá ocorrer sem que os sujeitos da história de transformação da opressão em libertação e emancipação problematizem a realidade vivida? Não, sem esse procedimento essa história não acontecerá jamais. Por isso, faz-se necessário que o universo vocabular do educando seja conhecido, pois minha linguagem expressa os limites do que penso e o que penso denotam o tamanho do meu mundo. Só o conhecimento do vocabulário do sujeito pode contribuir para que um termo seja eleito como palavra geradora de reflexão e diálogo, os caminhos imprescindíveis à aquisição da conscientização.

Uma vez escolhida a palavra em torno da qual serão investigadas as representações que a evocam, pequenos grupos cuidam de esmiuçá-las em todas as suas correlações: econômicas, políticas, religiosas, ideológicas, culturais e educacionais, entre outras. Vale, nesse processo de aquisição da criticidade, uma ação curiosa ininterrupta por parte dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Curiosidade rigorosa: é isso o que a pessoa educanda deve buscar, ao lado de quem atua como educador.

“O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente ‘perseguidora’ de seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se ‘rigoriza’, tanto mais epistemológica ela vai se tornando” (Freire, 1997, p. 97).

Desse modo, a dimensão epistêmica se amplia porque a representação vocabular significa representação cognitiva, e esta não ocorre sem que expresse uma experiência de vida, razão pela qual o leque de questões vai sendo ampliado, pois a vida é assim: conecta-se a tudo o que a cerca. O importante, nesse processo, é problematizar o vivido, vislumbrando formas criativas e transformadoras de agir e construir uma nova história, que abrigue um novo homem e uma nova mulher.

Nessa perspectiva, todo o material que contribua para a ampliação da tomada de consciência e elaboração das estratégias de ações é bem vindo. Nunca, porém, sem que isso seja decidido com base no diálogo, na igualdade ontológica e na diferença epistêmica que nos garante que temos saberes diferentes, mas que ninguém, ninguém mesmo, é desprovido de saberes.

Cumprido esse percurso, então o sujeito terá saído do estado de senso comum (consciência mágica, ingênua ou fanatizada) para alcançar o senso crítico, este sobre o qual é possível dizer que quem o possui alcançou, então, a consciência crítica. Esse é o sujeito educado por excelência, segundo Paulo Freire. Essa constitui a finalidade e a missão fundamentais de todo processo educativo que se quer à altura da dignidade humana, do valor imensurável do homem e da mulher.

O ser humano que alcançou esse estágio é compreendido como o ser educado porque ele é capaz de entender que é no-e-com-o-mundo, em relação contínua com os semelhantes e com o mundo da natureza, agindo para transformar a realidade e produzir a própria libertação.

Nisso reside toda a dignidade do que-fazer docente, da prática cotidiana do professor e da professora, os quais devem ser bem mais que um simples acompanhador de estudantes.

“Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por esse saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste” (Freire, 1997, p. 115-116).

É nessa perspectiva que o ensinar e o aprender concretizam o entendimento de que a educação é um ato de conhecimento, o qual é também político e artístico – um verdadeiro programa de desenvolvimento pessoal e profissional para aqueles e para aquelas que fizeram a opção de se dedicar à prática social de ensinar, de formar seres verdadeiramente mais livres, humanamente mais iguais, culturalmente mais instruídos, econômica e socialmente emancipados e senhores protagonistas da própria história. Porém, não de uma maneira individualista, mas comunitariamente compartilhada. Isso, é claro, não se trata de uma tarefa fácil: ela é para quem vive a paixão pelo humano e pela justiça em todas as suas dimensões.

5. Implicações da criticidade para a *práxis* educativa e concepção teórico-metodológica da ação docente

Pelo exposto anteriormente, podemos afirmar que, segundo Paulo Freire, a educação pode nos levar à compreensão dos motivos históricos, políticos e sociais que contribuíram para que se chegasse ao quadro conjuntural atual que nossa sociedade vive, onde impera o consumismo em todos os sentidos.

Essa pode parecer uma visão ingênua, mas temos consciência que a educação por si só não faz milagres, nem salva a sociedade de suas mazelas; que, sozinha, ela não é capaz de realizar todas as transformações necessárias para que a sociedade brasileira ganhe um outro modelo. Contudo, não podemos negar a força instrumental da educação, pois ela oferece aos educandos os instrumentos que podem permitir-lhes agir com resistência e proposições conseqüentes frente à opressão social em que vivem para que possam interagir e assumir seu papel de sujeitos históricos e responsáveis pelos próprios destinos.

Sabendo que a cultura é historicamente construída, resultante da teia de relações e interesses estruturados num determinado momento histórico, e que a educação expressa uma das formas de ideologia para manter ou modificar a sociedade de acordo com a necessidade das mudanças no modo de produção do capital, podemos pressupor que o contexto curricular em que se expressa a formação de professores e a prática do ensino dos mesmos são idealizados para atender as necessidades postas pelos grupos sociais hegemônicos.

Sendo assim, dependendo da forma como aborda as questões culturais, a escola assume um caráter estratégico em sua compreensão. Daí a importância e a necessidade de se levar nos

cursos de formação de professores o entendimento da realidade como um processo que não está dado, nem determinado, mas que é resultado de um conjunto maior das manifestações históricas, sociais, éticas, estéticas, econômicas, filosóficas e políticas, dentre outras.

A *práxis* educativa deve assumir um caráter crítico reflexivo e integrar os conteúdos curriculares com as problemáticas atuais, de modo a potencializar o processo de aquisição do saber, de aprendizagem. Não qualquer saber, mas aquele que instrumentalize o educando para assumir-se como sujeito da própria história, da história de sua comunidade e da história de seu povo.

Para Freire, alfabetização e conscientização jamais se separam, e a aprendizagem deve estar intimamente associada à tomada de consciência do educando. Ele argumenta que o animal em sua essência é um ser acomodado e ajustado, mas que o homem é um ser da integração, e, sendo assim, a luta é pela superação dos fatores que o levam ao comodismo e ao ajustamento, representa a luta pela sua humanização. Nesse processo sofre constantes ameaças, é oprimido e esmagado, e o pior, usam, como justificativa para esta opressão, a própria libertação humana. Exemplos disso são os homens e mulheres que têm consciência mágica, ingênua ou fanatizada, como pudemos ver.

Ele afirma, ainda, que a aquisição da escrita e da leitura é como uma chave que permite ao analfabeto se inserir não apenas no mundo, mas com o mundo, para exercer seu papel de sujeito e não de mero objeto, descobrindo-se fazedor desse mundo da cultura, que é toda criação humana. Fala-nos da sua satisfação ainda inicial, durante os debates das situações onde trabalhava o conceito de cultura, felicidade e autoconfiança das pessoas, que se descobriam fazedores de cultura e passavam a perceber a importância do seu trabalho, porque trabalhando transformavam o mundo.

Freire coloca que o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser agente desse aprendizado, pois para o autor, a alfabetização, implica, não em uma memorização visual e mecânica de sílabas, palavras, desgarradas de um contexto universal, mas numa atitude de criação e recriação, o que confere a necessidade de que esta alfabetização parta do cotidiano das pessoas. E que, à medida que o alfabetizando se conscientize de sua problemática, em torno de sua condição de pessoa, e, portanto, de sujeito, se instrumentalizará para suas opções. E, aí, se politizará.

Freire esclarece, ainda, que o sistema econômico que não prioriza as necessidades humanas, produzindo políticas assistencialistas e que continua a conviver indiferente com a fome de milhões não é merecedor do respeito dos educadores nem de qualquer ser humano. E salienta “não me digam que as coisas são assim porque não podem ser diferentes”. Afirma que as coisas não mudam porque, se isto ocorresse, “feriria o interesse dos poderosos”, e nos convoca para a luta da transformação social nos alertando:

“Não posso tornar-me fatalista para satisfazer os interesses dos poderosos. Nem inventar uma explicação ‘científica’ para encobrir uma mentira... É preciso que a fraqueza dos fracos se torne uma força capaz de inaugurar a justiça. Para isso, é necessária uma recusa definitiva do fatalismo. Somos seres da transformação e não da adaptação” (Freire, 1995, p. 42).

Freire nos convoca a romper com o determinismo, com os espaços definidos pelos poderosos, como o espaço de sobrevivência da classe dominada. E insiste em dizer que “*a História é possibilidade e não determinismo. Somos seres condicionados, mas não determinados.*” Ou seja, devemos entender a História como possibilidade de ruptura, de transformação. Ele afirma que, no exílio, o Brasil todo lhe fazia falta, e insistia em dizer: “Sou brasileiro, sem arrogância; mas pleno de confiança, de identidade, de esperança em que, na luta, nos refaeremos, tornando-nos uma sociedade menos injusta.” E que se recusava a aceitar que não há nada a se fazer diante das conseqüências da globalização da economia, e que devemos nos recusar a curvar docilmente a cabeça.

Como Freire, nós educadores não podemos, jamais, aceitar que a prática educativa deva ater-se tão somente à “leitura da palavra”, à “leitura do texto”, mas que necessariamente deve ater-se também à “leitura do contexto”, à “leitura do mundo”. Devemos, como Freire diz alimentar nosso “otimismo crítico e nada ingênuo, na esperança que inexistente para os fatalistas.”

É importante ressaltarmos que o pensamento e a ação política de Freire inspiram-se no personalismo cristão de Emmanuel Mounier, nas práticas alfabetizadoras da Igreja (MEB) e nas concepções populistas de natureza partidária (Miguel Arraes, Francisco Julião). Enfim, no populismo como concepção política.

Quanto às relações que podem ser estabelecidas entre o pensamento de Freire e de Mounier, podemos destacar duas categorias de relações: de influências e de convergências. As de influências é o próprio Freire que as reconhece. Ao falar de pensadores franceses nos quais se inspirou, sobretudo, Bernanos, Maritain e Mounier. Além das leituras diretas, Freire viveu a influência de Mounier em dois contextos: no Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife, fundado por Germano Coelho, e nos grupos católicos de esquerda, sobretudo a Ação Católica. O personalismo de Mounier, como projeto pedagógico-político de libertação, acaba por se convergir, numa utopia emancipatória de construção de uma nova civilização, pautada no humanismo e na solidariedade. Este faz uma crítica ao mutismo a que os professores condicionam os educandos e aponta o capitalismo como “filho perverso da filosofia racionalista e individualista da modernidade”. Para Mounier, a finalidade da educação “não consiste em fazer, mas em despertar pessoas”, vê esta como uma “aprendizagem da liberdade”, sempre num contexto de coletividade, não de individualidade.

Para entendermos o Populismo que Freire adotava como concepção política, devemos aqui, descrever brevemente este período da história republicana do Brasil que vai da queda do Estado Novo (1945) ao movimento militar de 1964. Este, entretanto, não foi um fenômeno político exclusivamente brasileiro, mas latino-americano, que cresceu no período pós-guerra.

No plano social, as transformações econômicas tornaram emergenciais os anseios das classes populares urbanas, que eram ignoradas e reprimidas na República. O populismo, nesse contexto, é uma forma de manifestação das insatisfações da massa popular urbana e, ao mesmo tempo, seu reconhecimento e sua manipulação pelo Estado. Do ponto de vista dos governantes, o populismo é, por sua vez, a forma que o Estado assumiu para dar conta dos anseios populares e, ao mesmo tempo, estar elaborando mecanismos para controlá-los.

Freire engajou-se, nos Movimentos de Educação Popular do início dos anos 60. Foi um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular do Recife, e nele trabalhou, ao lado de outros educadores e do povo, no sentido de promover a valorização da cultura popular, contribuindo para a participação ativa das massas populares na sociedade brasileira.

Esse Movimento de Cultura Popular marcou profundamente a formação profissional, política e afetiva de Freire, este ficou conhecido nacionalmente como educador voltado para as questões do povo. Logo depois, foi para Brasília a convite do recém-empossado Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos, do governo Goulart, para realizar uma campanha nacional de alfabetização. Nascendo, sob sua coordenação, o Programa Nacional de Alfabetização, que, pelo “Método Paulo Freire”, objetivava alfabetizar adultos e politizá-los.

As obras de Freire nos instigam a um debate sobre nossa prática pedagógica, nos convocando a uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política. Sua proposta educacional é progressista, idealista e insere-se numa dinâmica de “entusiasmo pela educação” e “otimismo pedagógico” de Jorge Nagle. As questões propostas por Freire ainda permanecem abertas para a sociedade e educação brasileiras atuais.

Saviani afirma que:

“o mais admirável no Paulo Freire foi o empenho em encontrar alternativas para a educação da população adulta analfabeta e a coerência pessoal entre a sua concepção teórica, a fé religiosa e a crença no homem” (Saviani, 2007, s. p.).

Freire extrapolou a área acadêmica e institucional, se engajou nos movimentos de educação popular do início dos anos 60. Na ditadura militar asilou-se na embaixada da Bolívia em setembro de 64, levando consigo o “pecado” de ter amado demais o seu povo e se empenhado em politizá-lo para que sofresse menos e participasse mais das decisões. Lutou por uma sociedade realmente democrática, na qual não haja repressores contra oprimidos, na qual todos possam ter “voz e vez.” Foi a favor dessas bandeiras que ele batalhou e da qual nunca desistiu.

Em função desse projeto que desenvolveu ao longo de sua vida, Paulo Freire alcançou acurada percepção sobre o papel social do professor, do educador. Talvez uma das mais significativas sínteses que ele tenha publicado sobre esse assunto seja o seu livro **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa (Freire, 1997).

Nesse livro ele defende que, para que a prática educativa seja libertadora, ela deve ser desenvolvida nos saberes correspondentes ao entendimento de que “Não há docência sem discência”, razão pela qual o ensinar exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporeificação das palavras nos exemplos, enfrentamento de riscos, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, além de reflexão crítica e reconhecimento da identidade cultural daqueles com quem se trabalha.

Para Freire, ensinar não é transmitir conhecimento e, entre outras coisas, também requer: consciência do inacabamento humano, compreensão de que o humano é um ser condicionado,

respeito à autonomia do educando, bom senso, humildade, tolerância, luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção na possibilidade da mudança e, sobretudo, curiosidade.

Por fim, segundo Freire, educar exige: segurança, competência e generosidade, além de comprometimento, compreensão da educação como forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada de consciência de decisões, saber escutar, reconhecimento de que a educação é ideologia, diálogo e, algo fundamental, querer bem aos educandos.

Se norteada segundo essas indicações, tomando por caminho o percurso que o educando e o educador devem fazer no sentido do reconhecimento da consciência mágica, da necessidade de superação da consciência ingênua, do desvencilhamento dos riscos da consciência fanatizada, então a *práxis* docente pode contribuir para a construção da criticidade. Portadores da consciência crítica, então os sujeitos da educação estarão melhor preparados para empreenderem a luta pela libertação.

Ao modo de conclusão

Como Paulo Freire ensinou, talvez é chegada a hora de repensarmos os níveis de consciência que nos rodeiam. O que predomina entre nós: a consciência mágica? A consciência ingênua? Há fanatismos entre nós? E consciência crítica, quais sujeitos sociais a desenvolvem no Brasil? A educação tem contribuído para que o alcance da criticidade esteja ao alcance dos educandos e dos educadores? O que implica um tal propósito quando inserido em nossas práticas docentes e discentes cotidianas, numa sociedade que parece ter optado pelo assistencialismo como única forma de configurar o modelo societário?

A título de resposta provisória a essas indagações, afirmamos que, assim como Freire, acreditamos que a periculosidade das políticas assistencialistas está na violência da imposição da passividade humana, impedindo que o homem seja sujeito de sua própria recuperação, de seu próprio desenvolvimento e libertação, de assumir sua responsabilidade. Enfim, sua oportunidade de emancipação.

A superação desta passividade deve ser feita através de uma educação que lhe possibilite refletir sobre si mesmo, sobre o condicionamento histórico-cultural e sobre a realidade, explicitando suas potencialidades, possibilidades e sua humanização.

Implica reconhecimento e denúncia da massificação impingida às classes populares brasileiras, sempre mantidas nas cercanias das consciências mágica, ingênua e fanatizada. Por outro lado, urge um trabalho rumo à criticidade, ao alcance daquela consciência de si e da realidade que faça com que os homens e mulheres da atualidade identifiquem seus opressores e contra eles ajam, sem que queiram, com isso, apenas inverter esses papéis.

Um tremendo desafio? Sem dúvida, mas é por isso mesmo que a prática docente deve ser assumida e desenvolvida. Se seu sentido estiver estabelecido a priori, então ela não teria sentido relevante algum. É exatamente por ser um desafio para nós, professores, que a prática educativa voltada para a emancipação humana ganha uma importante razão de ser.

Referências bibliográficas

- FREIRE, P. & SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 7. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.
- FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione 1989.
- OLIVEIRA, A. S. de. Estágios da consciência segundo Paulo Freire. In: **Educação**: redes que capturam caminhos que se abrem. Vitória, ES: EDUFES, 1996, p. 35-48.
- RENGEL. M. **Representações e reflexões sobre o “bom professor”**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- SAVIANI, D. Personalidades lembram o educador [Paulo Freire]. Revista Nova Escola Online. Disponível em: <http://novaescola.abril.com.br/especiais/paulo_freire/paulo_feire3.htm>. Acesso em: 15.10.2007.